

Capítulo 1

MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E PROFISSIONAL

José Carlos Pistilli



Cada época não somente sonha a seguinte, mas ao
sonhá-la força-a despertar.

Benjamin



A trajetória de vida e a identidade profissional de todos nós sempre guardam alguma relação entre si. O entendimento dessa relação pode ajudar o melhor entendimento das pessoas e de nós mesmos e a reformulação de nossas visões de mundo e de nossas relações sociais nas vidas particular e profissional. Acreditando na força dessa ideia procuro exemplificá-la através da minha narrativa a seguir.

Durante os primeiros dez anos de vida morei com meus pais em uma das casas localizadas em um grande terreno que tinha o casarão onde moravam minha avó paterna e seus cinco filhos, minhas duas tias e meus três tios, ainda solteiros.

Nesse terreno, ricamente arborizado, havia um galpão onde abrigávamos dezenas de cachorros e de gatos resgatados de rua e o galinheiro da minha avó que produzia ovos para o consumo da família, sendo que o excedente era distribuído na vizinhança. No terreno tinha uma mangueira imensa onde eu subia para pegar do pé as mangas deliciosas que serviam para serem chupadas, ou para fazer suco e doce. De um de seus galhos eu passava para cima da grande caixa d'água onde ficava soltando pipa e observando o céu e contando as estrelas e conversando com os pássaros que cantavam as músicas mais lindas que conhecia. Nos fundos do terreno estava também, a fábrica de dentes dos meus tios que eram protéticos, onde trabalhavam dezenas de funcionários e, ao lado, o consultório do meu pai que era dentista. Filho único, única criança entre tantos adultos, muitas vezes eu acabava sendo alvo de atenção da família, de funcionários da fábrica e de simpáticos pacientes do consultório. Isso porque muitos deles disputavam ser meus professores, de alguma coisa. E realmente foram. Antes de ir para a escola já lia, escrevia e já sabia bastante matemática.

Toda quinta-feira e todo domingo minha avó me levava para a igreja que ficava no final da mesma rua. Ela era colaboradora do seu conterrâneo padre Alexandre, que quando brabo, só falava italiano e ninguém entendia nada. Sua função era de professora de catequese, organizava festas e ensaiava peças teatrais com crianças da igreja e da redondeza e eu era o seu fiel ajudador. As duas tias tocavam e cantavam no coral as mais lindas músicas cristãs que nunca mais saíram da minha memória.

Esses primeiros anos de infância são páginas agradavelmente saudosas da minha vida. Época da imaginação em que via o mundo na ótica do fantástico, dimensão fundamental para sermos pessoas mais sonhadoras e por isso, mais felizes. Dessa época, lembro as histórias mais engraçadas, quando aproveitava os dentes, as ceras e outros tantos materiais que eu pegava na fábrica dos meus tios para, quando éramos visitados pelos meus primos, usarmos no nosso teatro nos caracterizando de figuras fantasmagóricas que inventávamos e também usávamos para concursos das fantasias mais originais e amedrontadoras.

Esse foi um tempo mágico que despertou meu apresso pela música principalmente religiosa, pelo teatro, pela arte, o amor pelos animais e plantas que habitavam o cenário do casarão onde eu morava.

Foi o tempo que despertou meu interesse pela beleza do céu que descobri através do binóculo, que imaginava ser um poderoso telescópio, que roubava da minha tia para levar para o meu “observatório” que montei no sótão do casarão e que me rendeu algum dinheiro, simbólico, que primos e colegas me pagavam para assistir os espetáculos do céu, com direito a sanduiche de pão com ovo das galinhas da minha avó.

O tempo passou. Me mudei. As lembranças do casarão, porém, continuaram me acompanhando e sempre influenciaram minha vida pessoal, até hoje.

Um ponto fora da curva, como um boi atravessando a pista, foi eu ter feito engenharia, na UFF, somente para satisfazer um sonho de consumo de meus pais. O acidente de percurso se consumou quando, passei, num golpe de sorte, ou de azar, no concurso para engenheiro de Furnas, na usina de Angra I. Essa foi a felicidade máxima para meus pais. Para mim foram anos de insatisfação e de planejamento da hora de desistir. Foi época de saudades dos anos da infância e do meu ginásio em que sonhava ser professor, do tempo em que ajudava colegas ensinando matemática, do tempo em que era voluntário na alfabetização e animação cultural de crianças de comunidades carentes. Essa era minha verdadeira vocação. O resto era apenas trajetória errática. Aí decidi que precisava agradar a mim mesmo e tomei coragem e de abandonar o emprego. Fui trabalhar em cursos preparatórios e vestibulares, mesmo sem diploma de licenciatura. Voltei para a faculdade para fazer Matemática com habilitação em Ciências. O dia em que me formei professor foi um dos meus momentos mais felizes. Nesse mesmo ano fiz concurso e obtive a primeira matrícula como professor da Rede pública Municipal RJ e dois anos depois a segunda matrícula.

Em 1996, por concurso público, ingressei como professor, no Colégio Brigadeiro Newton Braga onde trabalho até hoje e onde encontrei ambiente propício e oportunidade real para desenvolver projetos interdisciplinares integrando arte-ciência-tecnologia.

Em 2002 também por concurso público ingressei como professor, no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Não permaneci por coincidência do horário com o noturno do CBNB o que me tirava a chance de fazer mestrado e doutorado sem pedir licença.

Ao sair de Furnas fiz duas pós-graduações Lato Sensu. Quando já era professor do CBNB, fiz meu primeiro mestrado (UNESA) em 2000. Ainda, sem pedir licença à Aeronáutica, tive fôlego para fazer, em 2002, o mestrado (UFRJ) e, em 2005, o doutorado (UFRJ).

O CBNB faz parte das experiências mais importantes da minha vida pelas amizades que construí, pelo aprendizado que meus colegas me proporcionaram, pelas vivências mais ricas que já tive com estudantes. No CBNB tive a oportunidade de experimentar a interdisciplinaridade, na prática, nas suas diversas dimensões e extensões.

As primeiras experiências de interdisciplinaridade começaram quando, em 2000, a pedido da direção, passei a ser, simultânea e/ou alternadamente, professor de matemática e de física, prática que perdura até hoje. No ano letivo de 2002 cheguei a dar aula, também, de química, no noturno.

No CBNB, desde 1996, até a presente data, venho desenvolvendo trabalhos interdisciplinares, dentre os quais eu destaco os seguintes: De 1996 a 2015 orientei estagiários de física e de matemática e suas inserções nos trabalhos de Educação para o Trânsito e de Astronomia. De 1996 a 2000 fui professor de física e de matemática do Projeto Vestibular. De 1997 a 2008, do Projeto Alfabetização Gráfica que recebia estudantes com demandas em várias disciplinas. De 2000 a 2006, do Projeto Centro de Apoio ao Ensino da Matemática (CAEM) e suas aplicações na vida cotidiana. De 2001 a 2003, participei do Projeto Coral CBNB que serviu de aproximação de professores de várias disciplinas e segmentos da escola. De 2000 a 2004, coordenei o Projeto CBNB na Ópera, em parceria com o Teatro Óperon, visando estimular pais e estudantes a se familiarizarem com a música dita erudita. Em 2005, coordenei o GT- Educação e Segurança de Trânsito, o qual propunha a implantação da disciplina Educação para o Trânsito no CBNB, o que veio a se concretizar com a Disciplina Eletiva da qual fui professor em 2023. De 2008 a 2014 desenvolvi o Projeto interdisciplinar MusiFisiMat, base para o Projeto SEMEARTE. De 2014 até a presente data, coordeno o Projeto SEMEARTE, atrelado ao Lab Espaço IPPUR-UFRJ, o qual elaborei para a obtenção da minha Dedicção Exclusiva (DE).

Desde 2014, SEMEARTE realiza eventos diversos e promove palestras sobre Educação para o Trânsito e sobre Astronomia. Faz parte do SEMEARTE, o Teatro Guarani, com apresentações de peças teatrais encenadas por estudantes do CBNB, a partir de releituras de óperas sob temas ligados a Meio Ambiente e Cidadania.

Em outubro de 2023 inauguramos a primeira parte do espaço educativo ASTRONOMIA CBNB SEMEARTE, coordenado por mim e pela professora Jussara Cassiano Nascimento. Trata-se da Maquete Gigante de 200 m, do Sistema Solar no terreno do CBNB, na Escala de 1 para 109 e equipada com QR Codes de todos os astros do Sistema Solar. Os próximos passos são: o estabelecimento de uma parceria institucional entre o CBNB e o Museu de Astronomia, Astronáutica e Ciências

Afins (MAST) e, logo a seguir, a montagem do Clube de Astronomia e Astronáutica na sala onde pretendemos montar o Lab Rede CICAT que integra atividades de estudo e pesquisa em Ciência, Cultura/Arte e Tecnologia.

Em 2018, na gestão da então coordenadora professora Jussara Cassiano do Nascimento tive a satisfação de ser professor nos anos iniciais quando pude desenvolver trabalhos lúdicos de astronomia tendo os estudantes como os protagonistas do processo. Lembramos as elaborações e as apresentações de maquetes, de saraus dos planetas, de danças e coreografias tal como a Dança dos Planetas. Nessa mesma época passei a atuar como adjunto, na coordenação da professora Jussara no GEPSAD, espaço privilegiado de diálogo, de reflexão, de compartilhamento de experiências realizadas nas escolas assistenciais da aeronáutica. Esse espaço de encorajamento de pessoas e de descoberta de suas potencialidades é, ponto de partida no processo de produção de saber, de despertar de criatividade na dinâmica da interdisciplinaridade. GEPSAD representa um caminho de enriquecimento da educação escolar da aeronáutica e de exemplo a ser compartilhado com outros espaços escolares públicos e particulares e em qualquer nível de escolaridade.

Diante do que foi dito sobre minha trajetória de vida e tendo em conta as boas experiências no CBNB, um espelho do que sonhava desde a época de infância, firmo a convicção de que tudo na vida é um aprendizado pelo qual vale a pena passarmos. Mesmo que, partido de trajetória errática, como a que segui no início de minha vida profissional, é possível que num certo momento a gente sinta que tudo fez sentido na construção de nossa identidade e que, em muito valeu a pena ser vivido.

Com as atividades que ocorreram na culminância anual do Projeto, organizamos uma oficina sobre o racismo presente nos espaços sociais. Essa oficina foi idealizada a partir de um vídeo de apresentação do cantor Jorge Aragão interpretando a música “Identidade”, com uma reportagem publicada na revista Galileu, nº 290, 09/ 20015, com o título de ‘Você é racista – só não sabe disso ainda’, e com um outro vídeo em que são apresentadas falas de pessoas entrevistadas, onde o entrevistado pergunta se as pessoas ‘sentem o racismo presente no cotidiano de suas vidas’. Em seguida, convidamos os participantes a se manifestarem sobre o observado e as reflexões que se apresentaram foram bem significativas.

A oficina descrita acima foi apresentada durante o Projeto Saravá, foi inscrita e aceita para apresentação no Museu de Arte do Rio em dezembro de 2016, sendo possível realizar um debate com os participantes acerca da oficina, mas também sobre a inserção de um projeto que traz para o espaço escolar discussões em torno dos preconceitos racistas que ocorrem na sociedade.

Em seguida organizamos um texto acadêmico onde explicitamos todo o desenrolar da oficina e os resultados parciais que surgiram com nossos estudantes a partir da mesma. Esse texto foi aceito para apresentação no 21º COLE, ou seja, 21º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, para uma roda de conversas intitulada “Oralidade afro-brasileiras e africanas (in)visibilidade dos negros”, na UNICAMP, Campinas, em 07/2018.

Buscando me preparar para fazer um curso de Mestrado, ainda no ano de 2018, fiz matrícula como aluna especial no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica – PPGE – CAP/UERJ, na disciplina ‘Espaços educativos não formais no ensino de História: entre memórias e identidades’ – com a Prof. Dra. Helena Maria Marques Araújo. Essa disciplina contribuiu para que eu pudesse enriquecer meu projeto de estudos, além de proporcionar um diálogo frutífero com os colegas e com a professora.

Em seguida fui convidada para participar de uma roda de conversas: INTERCULTURALIDADE, COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO, com o Prof. Dr. Reinaldo Fleuri. Fiquei encantada com tudo que conversamos e que tanto enriqueceram meus conhecimentos. Essa experiência sinalizou para mim, a necessidade de reflexões sobre o poder colonial e as relações desumanas entre opressores e oprimidos e de como as transgressões/insubordinações dos oprimidos podem ser a saída para a libertação e superação de maldades dirigidas a um grupo social de pessoas: os negros.

Atualmente, trabalho com estudantes do 1º ao 5º ano de escolaridade com o componente curricular Artes. Temos uma sala apropriada, onde os estudantes se deslocam para esta sala, dentro de um horário pré-estabelecido. Essas aulas de

Artes são organizadas a partir de projetos interdisciplinares que envolvem os outros professores da instituição, principalmente aqueles que atuam no Núcleo Comum do 1º segmento.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.

Benjamin, 1994